

AS LUTAS CONTRA O SALAZARISMO NO BRASIL: ESTUDOS A SEREM APROFUNDADOS

ALFREDO MORENO LEITÃO*

1. A ditadura portuguesa, a resistência e o Brasil

Somente em torno dos anos 2000 é que nós temos, no Brasil, estudos sobre a luta de portugueses contra o salazarismo aqui desenvolvida. Este interesse relativamente recente é um reflexo dos poucos estudos que existiam sobre a imigração portuguesa, que só adquiriram maior relevância nas últimas décadas do século XX.

Nos estudos sobre as resistências e lutas contra o salazarismo, de modo recente passou-se a reconhecer a

necessidade de recuperação do papel histórico dos que atuaram no exílio. A pouca visibilidade do desempenho político destes exilados pode estar vinculado a certos afastamentos e/ou desconhecimento de articulações, redes de apoio, canais de divulgações que possibilitaram a revelação e denúncia no estrangeiro dos abusos do salazarismo. [...] (MATOS, M. I. S. de. Exílios e resistências antissalazaristas em São Paulo/Brasil. O jornal Portugal Democrático: questões e debates. In: PAULO, H. (org.). **Oposições e exílios**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014.).

O indivíduo português teve importância na historiografia brasileira até a independência, quando ele deixou de ser o colonizador, o representante da administração metropolitana na América. A partir de então, os que vieram após 1822, são denominados imigrantes, e se somaram e se diluíram nas grandes levas de estrangeiros que para aqui se dirigiram, em fluxos cada vez maiores até o início do século seguinte.

Os estudiosos da imigração deram a princípio uma visão geral sobre a importância dessas massas populacionais, enfatizando as contribuições culturais e econômicas, além de estudos demográficos. Estudos mais específicos, que se desenvolveram posteriormente, deram ênfase a certos grupos que se destacavam numericamente ou que adquiriram destaque nos meios políticos e sociais. Temos uma considerável produção sobre os italianos, alemães, japoneses.

A colônia portuguesa no Brasil, quando passou a ser objeto de estudos mais específicos, foi analisada enfocando as contribuições culturais – a busca pela origem da nacionalidade, os laços que uniam os dois povos – e a sua participação no desenvolvimento econômico e urbano dos grandes centros. Avaliaram os motivos que estimularam a

emigração destes indivíduos: problemas econômicos, sociais, familiares, mas deixaram muitas vezes de lado os motivos políticos. Sobre a participação dos imigrantes portugueses nas manifestações políticas e sociais – greves, passeatas, comícios – pouco ou nada se falava. Eram retratados como elementos apáticos, desinteressados, contrários a qualquer manifestação de caráter reivindicatório; chamados de “fura-greve”, “pelegos”.

Somente nas primeiras décadas deste século é que temos trabalhos que procuram fazer uma releitura da presença portuguesas em atividades de cunho político e social, principalmente em cidades como Santos e o Rio de Janeiro, onde o número de imigrantes portugueses superava a das outras nacionalidades.

Mas, a falha não estava unicamente na pouca procura em estudar a presença portuguesa pós-independência, estava também no pouco interesse em estudar (ou conhecer) a história das ditaduras ibéricas e a relação delas com o Brasil. Temos estudos sobre a imigração espanhola e portuguesa, mas pouco se fez referência entre os processos migratórios, as ditaduras e os movimentos de resistência. Assim salienta Maria Luisa Paschkes:

[...] Ainda que alguns anos mais tarde no Brasil tivéssemos conhecido igualmente um “Estado Novo”, pouco se fez, no nível de nossa historiografia, para se traçar um paralelo entre as “nações irmãs corporativas”. Parece que a história dos descobrimentos marítimos ou da colonização portuguesa obscureceu também entre nós o desenvolvimento e a continuidade de existência histórica daquele país, como era, aliás, desejo de Salazar.

(PASCHKES, M. L. de A. **A ditadura salazarista**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 7).

Temos mais publicações sobre o nazismo e o fascismo e suas relações com o Brasil, através de vários trabalhos acadêmicos e jornalísticos que atingem um diversificado número de leitores, que garante um conhecimento, mesmo que superficial, do assunto. (Vide: TRENTO, Â. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989. Neste livro, o professor Ângelo Trento dedica um capítulo a análise da resistência antifascista entre os imigrantes italianos de São Paulo.). O mesmo não ocorre com o salazarismo e o franquismo.

2. A pesquisa

Tenho desde o meu mestrado me dedicado a estudar a imigração portuguesa, priorizando a participação de alguns elementos nas atividades políticas e sociais. Em meu mestrado analisei a participação dos portugueses de São Paulo nas lutas operárias entre as décadas de 1930 e 1940 (LEITÃO, A. M. **Nem todos eram mansos: o imigrante português nas lutas operárias em São Paulo (1930-1940)**. Mestrado, PUC-SP, São Paulo, Brasil, 2010.). Agora procurarei estudar a resistência de um pequeno número de portugueses radicados (ou de passagem) por São Paulo, entre o término da Segunda Guerra Mundial e a Revolução dos Cravos.

Este portugueses, que em São Paulo, não chegaram talvez a cem indivíduos, eram compostos na sua maioria por intelectuais, professores universitários, cientistas, escritores, jornalistas e artistas plásticos, além dos “militantes de base”, que a documentação e/ou eles mesmos se auto-determinavam: refugiados (voluntários ou involuntários) ou imigrantes políticos.

Indivíduos de diversas origens, sociais e ideológicas, de gerações diferentes, sofrendo mais ou menos os efeitos da ditadura, procuram no Brasil um espaço de liberdade para desenvolver as suas atividades que eram vistas, muitas vezes, erroneamente, como subversivas. Muitos foram pressionados ou mesmo chegaram a perder suas cátedras, porque suas pesquisas não seguiam a linha ideológica determinada pelo salazarismo.

As práticas do regime eram, em geral, pontuais, e direcionadas a opositores identificados. Entretanto, nas Universidades, demissões (ou, na terminologia do Estado Novo, ‘afastamento’) isoladas, por vezes foram seguidas de demissões coletivas e, de modo sistemático, as demissões eram monitoradas pela polícia política. (SILVA, D. M. da. Intelectuais portugueses e exílio: sociogênese e migração de idéias. In: **Seminário temático Migrações Internacionais, Estado-nação e cidadania**. s.d. Disponível em: www.portal.anpocs.org. Acesso em 11 de out. de 2014.).

Portugal perdeu figuras importantes do seu quadro científico-acadêmico como, Bento de Jesus Caraça, Adolfo Casais Monteiro, Vitor Ramos, George Agostinho da Silva, Jorge de Sena, entre outros.

O processo de migração destes indivíduos se inicia logo após o golpe militar de 1926, que depõem o último presidente da chamada Primeira República. Migram não só para o Brasil, mas para outros lugares da América Latina, Estados Unidos e Europa, num processo contínuo até os anos de 1970. O primeiro a chegar aqui, no ano de 1927, foi o ex-militar e escritor João Sarmento Pimentel, que participou de uma tentativa de contragolpe, que derrotada o obrigou a se refugiar na Espanha, na Galícia, por um tempo, e de lá veio para o Brasil. Figura de ponta da luta contra o salazarismo, foi presidente da Casa de Portugal e um dos fundadores do jornal antissalazarista Portugal Democrático. (João Maria Ferreira Sarmento Pimentel viveu no Brasil por 60 anos, tendo morrido, em São Paulo, em 1987 aos 99 anos de idade. PIMENTEL, J. S. **Memórias do capitão**. Porto: Editorial Inova, 1974.).

Ligados a ideologias políticas das mais diversas, que iam de monarquistas a republicanos, de liberais a comunistas, tinham, porém, o antissalazarismo com ponto convergente. Mas, como se vai perceber, os pontos de vista de cada um, sobre a luta, motivaram rachas no grupo e um enfraquecimento do movimento.

O grupo de imigrantes políticos não sofria só por pressões internas, mas principalmente por forças externas oriundas da própria colônia portuguesa da São Paulo. A colônia portuguesa, na sua maioria, não aceitava as posições e atitudes dos refugiados, por ser ela bombardeada por uma propaganda maciça, produzida em grande parte em Portugal e difundida pelas casas de cultura e consulados pelo Brasil inteiro. Uma propaganda que procurava transmitir uma imagem positiva de Salazar e do salazarismo, buscando valorizar a vida simples e

tradicional portuguesa (uma das bases do pensamento salazarista), estimulando o saudosismo nos antigos emigrados. Os refugiados, por sua vez, tentaram combater através de artigos em revistas e jornais, denunciando e criticando as arbitrariedades da ditadura, chamando os “portugueses do Brasil” a reagirem contra o governo de Salazar. Esta luta era difícil, pois se tratava forças desiguais.

Entre os brasileiros, os antissalazaristas provocaram também posições divergentes. Havia os que apoiaram sua causa, pessoas oriundas de diversos meios e posições políticas, como, Caio Prado, Jorge Amado, Rachel de Queiróz, Samuel Vainer Julio de Mesquita Filho, Carlos Lacerda, entre outros, que não só apoiaram como se engajaram na luta contra o salazarismo. E os que se opunham, de maneira velada ou abertamente, como, Assis Chateaubriand e Roberto Marinho, (MORAIS, F. **Chatô, o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; e PAULO, H. **Aqui também é Portugal: a colônia portuguesa do Brasil e o salazarismo**. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.) que usaram dos seus jornais para defender o governo de Portugal. Nos meios políticos o mesmo ocorria, nos anos de 1950, quando há um maior número de saídas de antissalazaristas, os governos de Vargas e Juscelino nunca fizeram restrição a entrada deles no Brasil, mesmo estes governos mantendo uma aproximação e uma defesa da política portuguesa, principalmente em relação à manutenção de suas colônias na África e Ásia. (GONÇALVES, W. Brasil e Portugal nos anos 50: interesses e fraternidade. **Revista da Cátedra Jaime Cortesão**, Instituto de Estudos Avançados, USP, São Paulo, 1 (1): 26-34, 1997.).

No meio acadêmico e cultural foi onde estes portugueses conseguiram apoio e trabalho. Buscaram ou foram convidados por seus pares brasileiros a fazerem parte do corpo acadêmico-cultural e jornalístico. Muitos assumiram cátedras em diversas universidades do Brasil: Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena, na Unesp (Araraquara e Assis, respectivamente); Joaquim Barradas de Carvalho e Vitor Ramos, na USP; George Agostinho da Silva, na Universidade da Bahia; Manuel Rodrigues Lapa, na Universidade de Minas Gerais. (LEMOS, F.; LEITE, R. M. (org.). **A missão portuguesa: rotas entrecruzadas**. São Paulo: Editora UNESP; Bauru, SP: EDUSC, 2003.). Houve aqueles que foram atraídos para o jornalismo, como Miguel Urbano Rodrigues e outros, que foram convidados por Julio de Mesquita, para fazer parte do corpo editorial do jornal O Estado de São Paulo. E aqueles que se dedicavam as artes e a literatura, e passaram a desenvolvê-las aqui no país, como os escritores Maria Archer, Fernando de Castro Soromenho e Sidónio Muralha, cujas obras são extremamente críticas da política portuguesa; e os artistas plásticos Maria Helena Vieira da Silva e Fernando Lemos. Muitos peregrinaram por várias instituições, motivados, algumas vezes, por perseguições de certos grupos de dentro das universidades que eram contrários ou tinham receio de manter entre seus colegas, professores antissalazaristas. É o caso de Jorge de Sena que desejava concorrer à vaga de professor de Literatura Portuguesa na Universidade de Minas Gerais – em substituição a outro professor antissalazarista, Manuel Rodrigues Lapa, que retornava a Portugal -, mas que teve sua candidatura recusada. (ibid).

Muitos dos que aqui chegaram, não permaneceram por muito tempo, Joaquim Barradas de Carvalho, por exemplo, permaneceu aqui por sete anos, indo depois assumir uma cátedra na França a convite do professor Fernand Braudel. Ou Jorge de Sena, que nos anos 1970, vai dar aulas na Universidade de Santa Bárbara, na Califórnia. (ibid). Houve os que, após a vitória da Revolução dos Cravos em 1974, retornaram a Portugal na esperança de reconstruir suas vidas na terra natal. Foi o que fez a escritora Maria Archer. Mas, tiveram os que ficaram e fizeram do Brasil sua pátria, formando famílias ou transferindo as suas famílias para aqui. É o caso dos irmãos João e Francisco Sarmiento Pimentel, que trouxeram suas famílias e aqui se estruturaram. À Portugal só foram a passeio, como tantos outros imigrantes, para rever o que deixaram e constatar as mudanças com o fim da ditadura.

3. As fontes documentais

Para este estudo que estou iniciando agora, utilizarei como material de pesquisa uma documentação diversificada, composta por documentos oficiais produzidos pelo DEOPS-SP, jornais e livros de memórias.

Tenho um grande conhecimento dos documentos pertencentes ao fundo do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP). Utilizei desta documentação para a produção do meu mestrado, que concluí em 2010. E, além disso, fui um dos responsáveis pela organização deste acervo enquanto fui funcionário do

Arquivo do Estado, órgão que tem a guarda desta documentação, entre 1994 e 2007.

No arquivo do DEOPS – a polícia política do estado de São Paulo – é possível reconstruir, através das vigilâncias e investigações produzidas pelo órgão, o cotidiano das atividades destes refugiados: aonde iam, com quem falaram, o que faziam. Revelar e discutir a visão que o DEOPS (e talvez até a visão do Estado) tinha a respeito destes imigrantes políticos, que só por serem estrangeiros já eram vistos com outros olhos. Num momento histórico marcado pelo surgimento e fortalecimento da política da Guerra Fria e do Golpe Militar de 1964 no Brasil.

Os jornais a serem utilizados a princípio, serão o Portugal Democrático e o Portugal Livre, jornais criados e produzidos pelos refugiados; e os jornais, que podemos chamara “simpatizantes”, O Estado de São Paulo, o Última Hora e o Novos Rumos, este último um jornal comunista.

Foi principalmente através dos jornais que os antissalazarista organizaram sua luta contra a ditadura em Portugal. Era através destes veículos de comunicação que refugiados e alguns brasileiros partidários da causa, denunciaram as mazelas do governo de Salazar (e depois de Marcello Caetano). Acreditaram, alguns antissalazaristas, que era somente informando, e com isso conscientizando a população, é que se poderia formar um movimento que levasse a queda da ditadura. Por isso se pode notar, a pesar de se estar no início das pesquisas, certa recorrência de artigos chamando a atenção de antigos imigrantes, que já viviam no Brasil a muitos anos, sobre a realidade vivida por Portugal

durante a ditadura. Outra questão, como as lutas de independência das colônias portuguesas, era tema de artigos e discussões inflamadas de antissalazaristas portugueses e brasileiros. Alguns acreditaram que era fundamental o apoio e a aliança entre os refugiados e os grupos de libertação na África, como um meio de acelerar o fim da ditadura; outros discordaram, afirmando que a ditadura cairia por outros meios, e que a independência das colônias era prematura e só deveria ocorrer em um futuro ainda não determinado.

E os livros da memória, registros de atividades e opiniões anotadas pelos próprios refugiados, ou reunidos por terceiros. São registros que contêm dados e fatos que não aparecem nos artigos, por exemplo, mas que podem ter sido desenvolvidos durante um longo tempo, frutos de análise e de uma vivência, e só depois escritos. É uma documentação valiosa, mas que requer um certo cuidado, principalmente quando organizado por biógrafos/memorialistas que, muitas vezes, organizaram ou selecionaram as informações com um objetivo determinado. Mesmo assim, informação necessária para a construção do perfil dos sujeitos históricos por mim estudados.

* Doutorando em História Social na PUC/SP.

E-mail: alfredoleitao70@hotmail.com